

# Entre o testemunho e a alteridade – fricções entre campos na construção de sentido

**Flávia Raveli**

**Resenha de *Escute as feras*, de Nastassja Martin  
Editora 34, 2021**

O livro *Escute as feras*, de Nastassja Martin, é dividido em capítulos de acordo com as estações do ano; começa com outono e termina com verão, o menor dos capítulos. Isso informa algo sobre a fatura desse relato etnológico-testemunhal-confessional. A narrativa testemunhal é sempre confessional.

Durante seu trabalho de campo na estepe siberiana, a antropóloga Nastassja Martin encontra-se com um urso; eles brigam, o urso foge ferido, deixando Nastassja muito machucada. Ela é resgatada por seus informantes, os even, grupo que retornou ao modo de vida tradicional após a desagregação da União Soviética. Ela já era considerada por eles uma *mátukha*, ursa. Por essa razão, o urso não a teria matado, mas a deixado marcada. Esse encontro converteu a antropóloga em *miédka*, meio a meio, na definição dos even, partilhando seus sonhos com o animal. Ela se pergunta como e não por que teria ido ao encontro do urso e seu relato é a tentativa de compreender esse acontecimento.

O desejo de compreensão do outro leva Nastassja ao encontro do urso e ela se converte em objeto, subvertendo a lógica epistemológica das identidades unívocas, uniformes e unidimensionais, na qual se funda a antropologia moderna. Por isso, ela afirma que foi ao encontro do seu sonho – o porquê – e escreve seu relato como meio de compreensão do modo como isso se deu, o como. Depois dos primeiros-socorros na Rússia,

ela é levada de volta para a França, seu país de origem, onde enfrenta as disputas hospitalares de poder, nas quais também é tomada como objeto. Ela retorna para junto dos even para poder retornar ao seu lugar de antropóloga. Assim, completa-se um círculo que descreve um processo que rompe, ou melhor, explode a linearidade paradigmática da cultura eurocêntrica.

Muito mais próximo do movimento da natureza, a circularidade não identifica início ou fim, tampouco designa hierarquia nas relações, mas diferenças. Nastassja se reencontra como antropóloga sem que isso implique na aceitação e reprodução dos parâmetros que identificam o outro como elemento exógeno sobre o qual se fala, mas como parte do mesmo, transitando entre o dentro e o fora, num lugar intervalar da mediação, onde se dão as fricções, as trocas e intersecções. Lugar do limite e da fronteira, entre o que interdita – ela não quer ocupar o lugar de *miêdka* para sempre – reflete sobre o que uma cultura permite, possibilita: o encontro entre diferenças em que um não é subsumido ao outro, não se perde no outro para sempre, mas pode habitá-lo e voltar a si, transformado. Como em toda viagem.

O outro, a alteridade, é ou pode ser vivida numa condição de horizontalidade e não de verticalidade. É possível considerar que o paradigma ontológico do amor ao próximo, constitutivo da cultura da qual Nastassja é oriunda, encontra a transição própria entre humanos e animais da cultura dos even, na qual a antropóloga é acolhida e pode habitar, por um tempo. *Mátukha, miêdka, antropóloga*. O encontro com o outro permite que a antropóloga viva a experiência de se converter, ela mesma, em fera, que olha nos olhos do urso, projetando nele sua violência; de sua cultura, sua história aquela contida, como potência – que a antropóloga deseja – no e do próprio encontro. “(...) o urso é um espelho, o urso é a expressão de alguma outra coisa que não ele mesmo, algo que concerne a mim.” (MARTIN, 2021, p. 58) Ele foge, talvez voltando para a floresta, limite entre a natureza e a cultura, lugar da mediação.

Como uma viagem ao *alter*, a antropóloga volta viva, renascida. Lúcida para além de sua humanidade, após uma experiência limite em que quase se perde no outro; ou melhor, se perde, mas volta viva como testemunha desse encontro, separada dele e parte dele, simultaneamente. Essa é a condição am-

bivalente da testemunha, alguém que escuta para contar uma história. Aí também o limite e a fronteira possuem um traço ontológico, o da fricção, do diálogo, do encontro possível e sempre limitado. Nesse mergulho, corre o risco de esquecer-se de si, o que também se passa no sonho. No limite, não se sonha sem se perder de si, sem se deslocar, em alguma medida. O limite e a fronteira tanto instauram quanto delimitam o ato; a palavra performática, mais do que simbólica e metafórica. Palavra que instaura o ato. “Eu não pareço mais comigo mesma e, no entanto, nunca estive tão próxima da minha compleição anímica; ela se imprimiu em meu corpo, sua textura reflete ao mesmo tempo uma passagem e um retorno” (MARTIN, 2021, p. 24).

O encontro entre Nastassja e o urso explode as fronteiras individuais, íntimas e culturais para reconstruí-las e, depois, só então, fechá-las para que se possa transitar no entre, intervalo em que o encontro pode se dar. Para viver mais além, metamorfoseados, por meio das construções de sentido que circulam e se movimentam de modo polifônico, pluridimensional. Esse encontro é, simultaneamente, alegoria e metáfora para se pensar – a partir da experiência, nesse caso – a alteridade, cujas fronteiras são intransponíveis e irreduzíveis, no limite, à construção de sentido. O que se pode, e o que a antropóloga faz, é contorná-los por meio da elaboração de um significado para o vivido, que, no entanto, abarca não apenas a experiência do encontro com a fera de fora, o urso, mas com aquela que a habita e que ela habitou e que a marca de modo indelével e, no limite, intransponível: sua cultura de origem, ontológica, sua história familiar e íntima, sua formação e, por fim, mas não menos importante, seu encontro com os even e com o urso.

É possível pensar que as bordas e fronteiras do limite são percebidas e circunscritas pela produção de sentido; por essa convocação? Esse talvez seja um elemento a nos guiar nesta viagem.